

FATORES DIFICULTADORES E FACILITADORES QUE OS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM ENFRENTAM RELACIONADOS AO USO DOS EPI'S

OBSTACLES AND MADE IT EASIER FOR NURSING PROFESSIONALS FACE APPLY TO THE USE OF EPI'S

FATORES QUE DIFICULTAN O FACILITAN A LOS PROFESIONALES DE ENFERMERIA CUANDO SE ENFRENTAN EN LA APLICACION Y USO DE LOS EPI'S

Ezequiel Chaves Rondon¹
Maria de Souza Tavares²
Walquiria Lene dos Santos³

RESUMO

Este artigo procurou identificar os fatores facilitadores e dificultadores referentes ao uso adequado dos Equipamentos de Proteção Individual (EPI), fatores estes que interferem de forma positiva ou negativa na atuação do profissional. A enfermagem é responsável pelo maior contingente da força de trabalho dos estabelecimentos hospitalares, com responsabilidade pela assistência e gestão nas 24 horas. Por sua vez, estão expostos aos mais diversos agentes físicos ambientais, químicos e biológicos e também às doenças do trabalho. Trata-se de pesquisa de campo de caráter quantitativo. Os sujeitos foram 36 profissionais de enfermagem (enfermeiros, técnicos e auxiliares) que estão envolvidos na assistência. De acordo com o estudo em questão, os participantes desconhecem a Norma Regulamentadora nº 32 e conhecem sobre o principal objetivo do uso de EPI, mas na prática diária deixam de fazer seu uso adequado, colocando justificativas pouco convincentes para o não-uso, 56% afirmam que já encontraram alguma dificuldade em fazer o uso de EPI. As maiores dificuldades estão relacionadas ao uso de esparadrapo com luva de procedimento e em situações emergenciais. 83% dos entrevistados afirmam que em algum momento da vivência profissional deixaram de fazer uso adequado dos EPI. 71% dos profissionais afirmam que já sofreram algum acidente

1 Enfermeiro. Acadêmico do Curso de Enfermagem do Trabalho da Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires – FACESA, GO. Email: enfermeiroezequiel@gmail.com.

2 Enfermeira. Acadêmica do Curso de Enfermagem do Trabalho da Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires – FACESA, GO. Email: mstavares07@gmail.com

3 Enfermeira. Mestre em Enfermagem pela UFG, GO. Docente da Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires - FACESA, GO. Email: walquirialane@hotmail.com

de trabalho, destes 90% foram por perfurocortantes, 49% justificam a falta de atenção como motivo para os acidentes. Conclui-se que o conhecimento dos profissionais sobre este assunto é deficiente. Faz-se necessário um treinamento contínuo da equipe de Enfermagem desde a formação até a vida profissional, para que seu trabalho seja executado com excelência.

Descritores: enfermagem do trabalho; saúde do trabalhador; riscos ocupacionais.

ABSTRACT

This article identifies the facilities and difficulties that nurses face in making proper use of PPE, which are factors that influence positively or negatively the performance of professionals. Nursing is responsible for the largest contingent of the workforce of hospitals, with responsibility for the care and management in 24 hours. And in turn are exposed to environmental physical agents, chemical agents, biological agents and diseases of the work. This is a field research of a quantitative nature. The subjects were 36 nursing professionals (nurses, practical nurses and nursing assistants) who are involved in nursing care. According to this study, the participants of this survey are unaware of the Regulatory Standard No. 32 and know about the main purpose of the use of PPE, but in daily practice fail to do its proper use, putting unconvincing justifications for non-use, 56% say they have found some difficulty in making use of PPE, the greatest difficulties are related to use of glove with adhesive tape and procedure in emergency situations. 83% of respondents say that at some point in their professional experiences no longer make proper use of PPE. 71% say they have suffered an accident at work, these 90% were due to sharps, 49% of professionals justify the lack of attention as a reason for accidents. It follows that the knowledge of professionals on this subject are disabled, it is necessary to continue training the nursing team since its formation in your life, so that your work is performed with excellence.

KEY-WORDS: Occupational health Nursing, Occupational health, Risk factors

RESUMEN

Este artículo identifica los factores que facilitan o dificultan a los profesionales en la enfermería cuando se enfrentan en la forma correcta de la utilización de los EPI, estos factores afectan positiva o negativamente en la experiencia profesional. La enfermería es responsable de la mayor parte de el trabajo de los hospitales, con la responsabilidad de la asistencia y

gestión 24 horas. Y a su vez, en un medio ambiente en el que están expuestos a agentes físicos, agentes químicos, agentes biológicos y enfermedades profesionales. Esta investigación de campo es de carácter cuantitativo. Los sujetos fueron 36 profesionales de enfermería (enfermeras, técnicos y auxiliares de enfermería) que están involucrados en el cuidado de enfermería. Según este estudio, los participantes de esta investigación no son conscientes de la Norma NR ° 32 y conocer el propósito principal de la utilización de los EPI, pero en la práctica diaria no hacen un uso adecuado, poniendo justificaciones poco convincentes para no utilizarla 56% afirman que han encontrado algunas dificultades en hacer uso de los EPI, las mayores dificultades están relacionadas con el uso de la cinta de esparadrapo en el procedimiento con guantes en situaciones de emergencia. 83% de los encuestados afirman que en algún momento de sus vidas profesionales no pueden hacer un uso correcto de los EPI. el 71% dicen que han sufrido un accidente de trabajo, y el 90% de estos se debieron a la perforación o cortes, el 49% de los profesionales justifican la falta de atención como una razón para los accidentes. Se concluye que el conocimiento de los profesionales sobre este tema es deficiente, es necesario continuar con el entrenamiento del equipo de enfermería desde su formación en su vida profesional para que su trabajo sea ejecutado con excelencia.

PALABRAS-CLAVE: trabajo de Enfermería, Salud Ocupacional, Riesgos profesionales.

1- INTRODUÇÃO

A enfermagem é responsável pelo maior contingente da força de trabalho dos estabelecimentos hospitalares, com responsabilidade pela assistência e gestão nas 24 horas. É o conjunto de trabalhadores que mais sofre com a inadequada condição de trabalho e a insalubridade do ambiente. Pelo prisma da gerência de recursos humanos, o trabalhador e o próprio trabalho são atingidos pelas medidas de redução de custo ⁽¹⁾.

Na enfermagem é comum nos depararmos com situações perigosas, em que as exigências de segurança no trabalho são negligenciadas, causando acidentes de trabalho e doenças ocupacionais. As características do ambiente hospitalar, maior campo de atuação do pessoal de enfermagem, e as peculiaridades das atividades executadas têm sido responsáveis por inúmeros acidentes de trabalho, embora muitas vezes não notificados ⁽²⁾.

O acidente de trabalho caracteriza-se por uma interação direta, repentina e involuntária entre a pessoa e o agente agressor em curto espaço de tempo. Esse tipo de acidente está relacionado aos riscos ocupacionais, ou seja, aos elementos presentes no ambiente de trabalho que podem causar danos ao corpo do trabalhador, ocasionando doenças ocupacionais adquiridas em longo prazo⁽³⁾.

No caso dos trabalhadores hospitalares, entre os riscos a que estão expostos sobressaem: os agentes físicos ambientais (calor, frio, ruído e radiações); os agentes químicos (detergentes, desinfetantes, medicamentos como os antibióticos de última geração); os agentes biológicos (vírus, bactérias) e as doenças do trabalho (problemas de coluna, estresse, fadiga, hipertensão, entre outros)⁽⁴⁾.

Na enfermagem comumente acontecem acidentes ocupacionais, visto que ela está diretamente ligada a procedimentos invasivos, e em contato com fluidos corpóreos de clientes, aumentando significativamente os riscos de acidentes.

Dentre os acidentes de trabalho mais frequentes entre os trabalhadores de enfermagem estão aqueles ocasionados por material perfurocortante (agulhas, lâminas de bisturi, vidrarias e similares). Na enfermagem a subnotificação dos acidentes de trabalho ocorre na maioria das vezes devido à falta de esclarecimento dos profissionais em relação à importância do registro do acidente para garantia de seus direitos, bem como de sua utilização como estratégia para reivindicação de melhores condições de segurança no trabalho⁽⁵⁾.

No contexto hospitalar, a enfermagem constitui-se na maior força de trabalho, e suas atividades são frequentemente marcadas por divisão fragmentada de tarefas, rígida estrutura hierárquica para o cumprimento de rotinas, normas e regulamentos, dimensionamento qualitativo e quantitativo insuficiente de pessoal, situação de exercício profissional que tem repercutido em elevado absenteísmo e afastamentos por doenças⁽¹⁾.

Desta forma, o profissional de enfermagem pode encontrar fatores dificultadores e facilitadores na aplicação da NR 32 - Norma Regulamentadora nº 32, que trata das questões de segurança e saúde no trabalho, no setor da saúde e que tem por objetivo a redução dos índices de acidentes de trabalho, incluindo a saúde, segurança e proteção do trabalhador, além da melhoria da qualidade da atenção ao cliente.

Este estudo é de grande importância para a assistência, pois ajudará os profissionais de enfermagem na prática diária por meio de uma assistência qualificada com base científica.

Para o ensino servirá como suporte para material de estudo e a pesquisa, contribuindo para o desenvolvimento de novas pesquisas partindo do encontrado nesta.

Realizou-se o presente estudo com o objetivo de identificar os fatores facilitadores e dificultadores que os profissionais de enfermagem enfrentam relacionados ao uso adequado dos EPI, fatores estes que interferem de forma positiva ou negativa na atuação do profissional.

2 - METODOLOGIA

Trata-se de um estudo quantitativo que se caracteriza pelo emprego da quantificação tanto nas modalidades de coleta de informações quanto no tratamento delas, por meio de técnicas estatísticas, desde as mais simples, como percentual média, desvio padrão, até mais complexas como coeficiente de correlação, análise de regressão, por exemplo ⁽⁶⁾.

A pesquisa foi desenvolvida no Centro de Atendimento Integrado da Saúde (CAIS), unidade hospitalar de Valparaíso de Goiás-GO, e no Hospital Municipal de Cidade Ocidental-GO. Foram entrevistados 36 profissionais da assistência hospitalar, sendo eles: Enfermeiros, Técnicos de enfermagem e Auxiliares de enfermagem. Valparaíso de Goiás e Cidade Ocidental são cidades que fazem parte da RIDE (Rede Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno), que visa a integração e ao desenvolvimento da região em vários aspectos políticos e sociais.

Foram entrevistados 36 profissionais de enfermagem que atuam na assistência hospitalar de enfermagem nas unidades de clínica médica, cirúrgica e emergencial nestes hospitais.

Os critérios de inclusão foram: ser trabalhador assistencial em nível hospitalar; trabalhar em uma das unidades pesquisadas; assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O critério de exclusão foi desistir da pesquisa.

Foi utilizado um questionário composto de perguntas abertas e fechadas, que abordou o conhecimento dos profissionais de enfermagem sobre o uso adequado dos EPI, a NR-32 e acidentes ocupacionais.

Atendendo a Resolução CNS nº 196/96 sobre as normas reguladoras envolvendo seres humanos, o estudo foi realizado mediante assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os dados quantitativos foram coletados, tabulados e tratados através de estatística simples descritiva. Utilizou-se a ferramenta *Excel* do Sistema Windows, gerando quadros e gráficos para discussão dos resultados.

3- RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os sujeitos desse estudo são constituídos por Enfermeiros (22%), Técnicos de enfermagem (72%) e Auxiliares de enfermagem (6%).

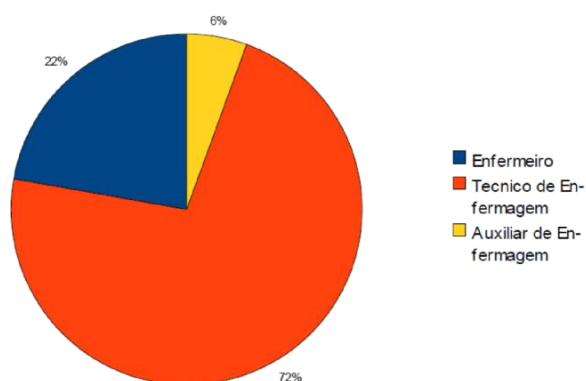


FIGURA 1 - Perfil dos profissionais que atuam na assistência de enfermagem. n= 36.

A equipe de enfermagem é uma das principais categorias ocupacionais sujeitas à exposição por material biológico. Esse número elevado de exposições relaciona-se ao fato dos trabalhadores da saúde terem contato direto na assistência aos pacientes e também ao tipo e à frequência de procedimentos realizados ⁽⁷⁾.

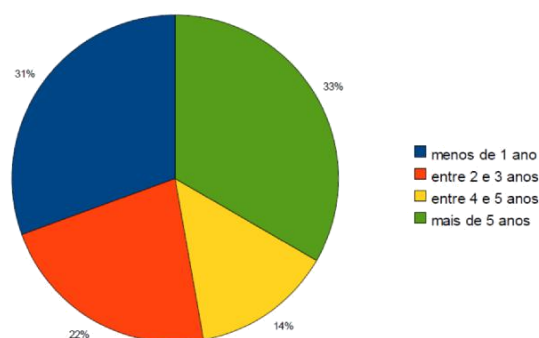


FIGURA 2 - Perfil do tempo de atuação dos profissionais que atuam na assistência de enfermagem. n= 36.

Entre os profissionais pesquisados, 31% dos entrevistados atuam na assistência de enfermagem há menos de 1 ano, 22% entre 2 e 3 anos, 14% entre 4 e 5 anos e 33% mais de 5 anos.

A enfermagem constitui a maior representatividade de pessoal dentro do hospital. No desempenho de suas atividades impõem-se rotinas, elevada carga horária semanal, número reduzido de pessoal para cumprir as funções, contato com substâncias, compostos ou produtos químicos em geral ⁽⁸⁾.

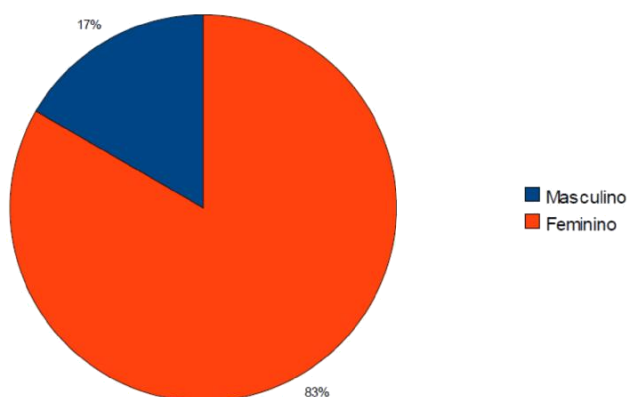


FIGURA 3 - Perfil do sexo dos profissionais que atuam na assistência de enfermagem. n= 36.

Dos profissionais pesquisados, a maioria é do sexo feminino com 83% e 17% do sexo masculino. A predominância do sexo feminino identificada nas ocorrências é evidente em vários estudos e está relacionada ao grande número de trabalhadores do sexo feminino atuantes nos serviços de saúde, principalmente na equipe de Enfermagem, que é a mais numerosa nesses serviços ⁽⁹⁾.

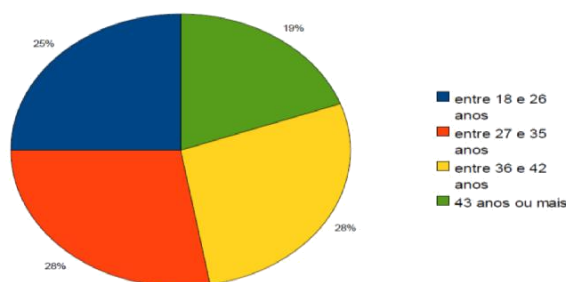


FIGURA 4 - Perfil da faixa etária dos profissionais que atuam na assistência de enfermagem. n= 36.

A faixa etária dos profissionais que atuam na assistência de enfermagem entre 18 e 26 anos é de 25%, entre 27 e 35 anos é de 28%, entre 36 e 42 anos é de 28% e 43 anos ou mais é de 19%.

A relação entre o acidente de trabalho e a faixa etária é relevante, pois o aumento da idade pode desencadear alterações cognitivas como mudança no estado de alerta ou atenção, que adicionados aos aspectos psicossociais como o estresse e a fadiga mental, podem levar ao comprometimento sério da condição de saúde e trabalho dos profissionais ⁽⁹⁾.

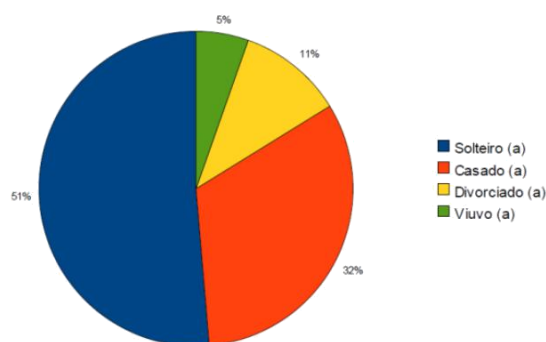


FIGURA 5 - Perfil do estado civil dos profissionais que atuam na assistência de enfermagem. N= 36.

De acordo com o estado civil, 51 % dos profissionais entrevistados são solteiros, 32% casados, 11% divorciados e 5% viúvos. Destaca-se que este dado é importante visto que o acidente de trabalho afeta não só o acidentado, mas também seus familiares, podendo prejudicar o equilíbrio mental, a condição emocional e as relações sociais entre esses indivíduos ⁽⁹⁾.

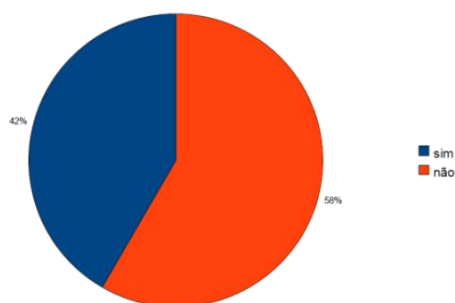


FIGURA 6 - Perfil do conhecimento da Norma Regulamentadora n. 32 pelos profissionais que atuam na assistência de enfermagem. n= 36.

Sobre o conhecimento da Norma Regulamentadora nº 32 pelos profissionais que atuam na assistência de enfermagem, 58% têm conhecimento desta norma e 42% desconhecem. Nota-se, pelas respostas dos pesquisados, que a maioria respondeu que essa norma trata sobre o uso de EPI, por sugestão relacionando o tema da pesquisa com a questão, deixando bem claro que a maioria desconhece o real teor desta norma. E que há uma necessidade de uma educação permanente visando a uma melhor adesão desses profissionais em fazer o uso adequado dos EPIs.

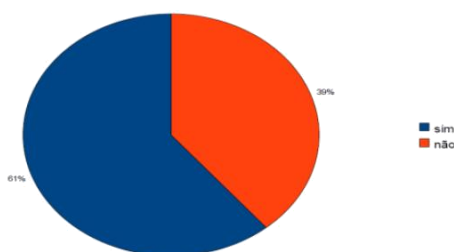


FIGURA 7 - Perfil da realização de capacitação destes que atuam na assistência de enfermagem. n= 36.

Dos atores pesquisados em relação ao treinamento profissional, 61% disseram que houve e 39% disseram que não houve. A educação permanente possibilita a realização do encontro entre o mundo da formação e o mundo do trabalho, no qual o aprender e o ensinar se incorporam ao cotidiano das organizações e ao trabalho ⁽¹⁰⁾.

A elaboração de estratégias de intervenção capazes de aprimorar a conduta dos profissionais de enfermagem, ou seja, de aumentar a adesão destes profissionais aos EPI, requer quesitos como o treinamento em reunião informal, a ser executada pela(o) enfermeira(o) no próprio local de trabalho, direcionado aos profissionais da unidade a fim de discutir o assunto e

esclarecer dúvidas, bem como atualizações. Tais medidas visam proporcionar uma maior adesão ao uso de EPI e, conseqüentemente, a proteção e segurança destes trabalhadores⁽⁸⁾.

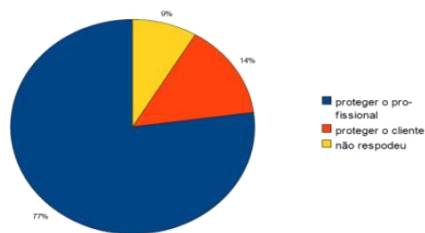


FIGURA 8 - Perfil do conhecimento pelos profissionais dos objetivos do uso de Equipamentos de Proteção Individual. n= 36.

Questionados sobre os objetivos do uso dos Equipamentos de Proteção Individual, 77% disseram que servem para proteger o profissional, e destes 14% disseram que é para proteger também o cliente e 9% não responderam.

Segundo a Norma Regulamentadora (NR-6), Equipamento de Proteção Individual (EPI) é todo dispositivo de uso individual destinado a proteger a saúde e a integridade física do trabalhador, incluindo luvas, aventais, protetores oculares, faciais e auriculares, protetores respiratórios e para os membros inferiores. São de responsabilidade do empregador o fornecimento do EPI adequado ao risco e o treinamento dos trabalhadores quanto à forma correta de utilização e conservação.

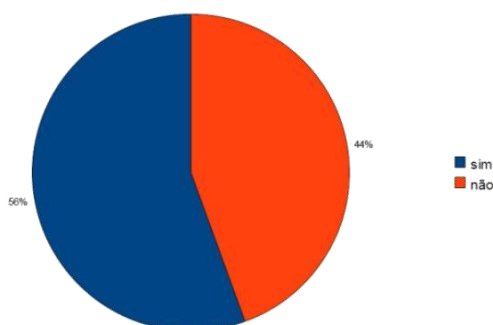


FIGURA 9 - Perfil das dificuldades de realizar algum procedimento ao usar algum Equipamento de Proteção Individual pelos profissionais. n= 36.

Das maiores dificuldades em realizar algum procedimento encontrado pelos atores pesquisados, destacaram as seguintes situações: 56% afirmaram que sim há alguma dificuldade e 44% disseram que não encontram dificuldade alguma.

Ressalta-se que é importante mencionar que o EPI não evita acidentes, pois o risco continua presente; seu uso possibilita apenas reduzir a probabilidade de dano. Em outras palavras, os EPI servem para minimizar as conseqüências⁽⁸⁾.

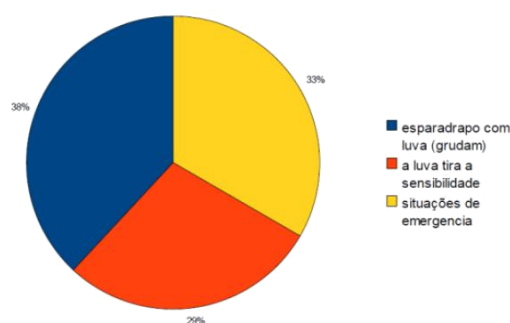


FIGURA 10 - Perfil das dificuldades de realizar algum procedimento ao usar algum Equipamento de Proteção Individual pelos profissionais e em quais situações. n= 36.

Das maiores dificuldades encontradas pelos atores pesquisados, destacaram as seguintes situações: 36% afirmaram que encontram dificuldade ao manusear o esparadrapo fazendo uso de luvas de procedimento, dificultando o trabalho; 29% disseram que a luva de procedimento faz com que o profissional perca a sensibilidade na hora de localizar um acesso venoso; e 33% disseram que em situações de emergência não tem tempo de fazer o uso adequado dos Equipamentos de Proteção Individual.

As luvas são consideradas o mais importante EPI, mas, na prática, observa-se que os trabalhadores de saúde muitas vezes não as utilizam. Sabe-se que seu uso durante atividades de manipulação de materiais perfurocortantes não impede o acidente, pois o material é capaz de perfurá-las e atingir a pele; porém, elas diminuem o volume de sangue que atinge o profissional de saúde ⁽¹⁷⁾.

O uso sistemático de duas luvas diminui significativamente o risco de exposição ao sangue, mas nos ambientes de Pronto-Socorro, particularmente no nosso meio, observa-se certa negligência quanto a estes princípios, justificada pelo ambiente tumultuado e principalmente pela falta de normatização adequada ⁽¹²⁾.

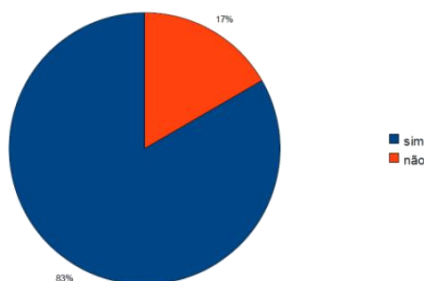


FIGURA 11 - Perfil dos profissionais e se já deixaram de fazer uso dos de algum Equipamento de Proteção Individual ao realizarem algum procedimento. n= 36.

Dos profissionais pesquisados, 83% afirmaram que em algum momento deixaram de fazer o uso adequado do EPI e 17% disseram que nunca deixaram de fazer o uso adequado.

Embora o profissional de enfermagem promova o cuidado ao indivíduo doente, pouco sabe a respeito de cuidar de sua saúde profissional, visto que a preocupação destes trabalhadores na relação saúde-trabalho-doença é genérica (8).

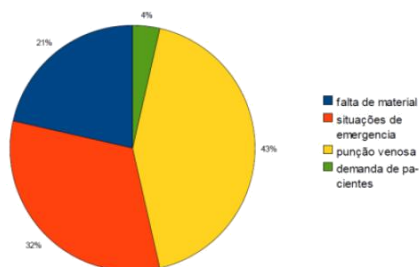


FIGURA 12 - Perfil dos profissionais e se já deixaram de fazer uso dos de algum Equipamento de Proteção Individual ao realizarem algum procedimento e em que situação. n= 36.

Dos profissionais que já deixaram de usar os EPIs, 21% foi por falta de material, 32% em situações de emergência, 43% na punção venosa e 4% disseram que devido a demanda de pacientes.

Um exemplo desta relação está no acidente de trabalho, que se “caracteriza por uma interação direta, repentina e involuntária entre a pessoa e o agente agressor em curto espaço de tempo. Esse tipo de acidente está relacionado aos riscos ocupacionais, ou seja, aos elementos presentes no ambiente de trabalho que podem causar danos ao corpo do trabalhador, ocasionando doenças ocupacionais adquiridas em longo prazo”. Uma das formas de evitar acidentes com maiores proporções é o uso de Equipamento de Proteção Individual (EPI), que constitui uma barreira protetora para o trabalhador, pois reduz efetivamente (embora não elimine) os riscos (8).

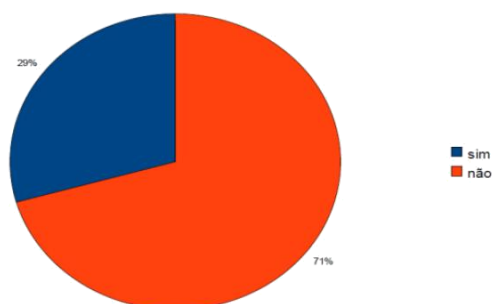


FIGURA 13 - Perfil dos profissionais e que já sofreram algum acidente de trabalho. n= 36.

Dos atores pesquisados, 71% afirmaram que já sofreram algum acidente de trabalho e 29% não sofreram nenhum acidente.

A adesão ao uso do EPI está relacionada à percepção que os profissionais têm dos riscos a que estão expostos e da suscetibilidade a estes riscos. Os profissionais, muitas vezes, banalizam os

riscos ocupacionais e não sabem, na sua maioria, identificar as consequências decorrentes da inobservância do uso de medidas de prevenção (8).

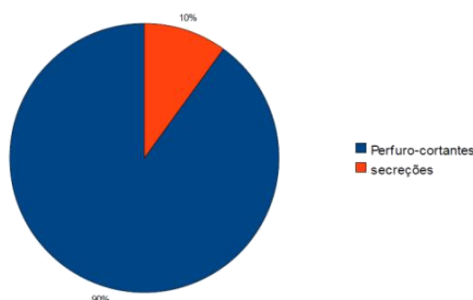


FIGURA 14 - Perfil dos profissionais que já sofreram algum acidente de trabalho e de que tipo. n= 36.

Dos que já sofreram algum acidente de trabalho, a maioria, com 90% dos profissionais, foi por perfurocortantes e 10% com secreções dos pacientes.

A complexidade e a invasibilidade dos procedimentos realizados durante o atendimento pré-hospitalar ao usuário têm se tornado cada vez mais frequentes, tais como realização de intubação, aspiração de conteúdo traqueal, rafia de vasos por amputação traumática, contenção de hemorragias por outras lesões, acesso central e periférico, massagem cardíaca a céu aberto, dentre outras. Tais procedimentos tornam o profissional do atendimento pré-hospitalar tão susceptível aos riscos ocupacionais e acidentes de trabalho quanto qualquer outro que preste assistência à saúde. Esses riscos de contaminação aumentam de acordo com a função do profissional na equipe, na proporção direta em que este contato é maior e mais direto com o paciente (13).

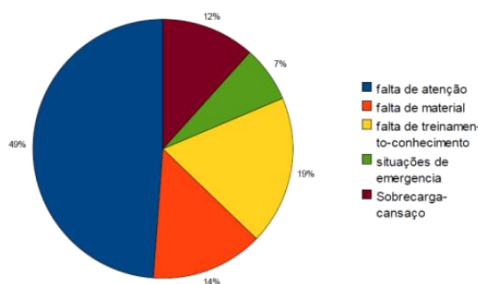


FIGURA 15 - Perfil dos profissionais suas opiniões sobre o que leva o profissional de enfermagem a sofrer algum acidente de trabalho. n= 36.

Na opinião dos profissionais, as causas o que os levam a sofrerem algum acidente são as seguintes: 49% por falta de atenção, 14% por falta de material, 19% por falta de

conhecimento-treinamento, 7% em situações emergenciais e 12% pela sobrecarga de serviço e cansaço.

A equipe de enfermagem precisa ser orientada, tendo como meta a sua proteção pessoal durante o cuidado do outro. Este orientar significa extrapolar a informação e intervir com diferentes estratégias, visto que os trabalhadores da enfermagem já conhecem algumas das medidas de biossegurança, porém não as empregam sistemática e constantemente. Neste contexto, cabe aos serviços de saúde planejar e implementar orientações específicas aos trabalhadores de enfermagem, para que estes adotem um exercício profissional seguro ⁽¹¹⁾.

Estudos demonstraram que o ambiente de trabalho e o apoio gerencial têm um papel considerável na adequação entre treinamento e aderência às recomendações, destacando a importância dos supervisores na orientação e no reforço das práticas adequadas ⁽⁸⁾.

É preciso acrescentar nessas instituições a possibilidade de participação mais ativa (estudantes e trabalhadores) no processo ensino-aprendizado da prevenção de acidentes com materiais perfurocortantes e fluidos biológicos, buscando instrumentalizá-los com saberes que, aplicados em sua prática diária, lhes assegurem, efetivamente, prevenção, proteção e segurança; além disso, é necessário investir em treinamentos contínuos e sistematizados para os estudantes e trabalhadores da saúde que enfatizem os métodos de prevenção e os meios para proteção contra as doenças causadas por acidentes com materiais perfurocortantes e fluidos biológicos ⁽¹⁴⁾.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o estudo em questão, conclui-se que os participantes desta pesquisa demonstraram certa insegurança e desconhecimento no que diz respeito à Norma Regulamentadora nº 32 e demonstraram conhecimento sobre o principal objetivo do uso de EPI, mas na prática diária deixam de fazer seu uso adequado, colocando justificativas pouco convincentes para o não-uso, demonstrando que há uma necessidade maior de se educar e conscientizar esses profissionais a terem uma melhor adesão a essa prática.

Percebe-se ainda que os profissionais de Enfermagem não se sentem seguros ao executarem procedimentos sem uso do Equipamento de Proteção Individual, mas mesmo

assim se arriscam, por acreditarem que os equipamentos lhes trazem desconforto, comprometendo assim seu desempenho diário.

Após este estudo, fica claro que a prática profissional exercida pelos profissionais de enfermagem atuantes nos Centro de Atendimento Integrado da Saúde de Valparaíso de Goiás/GO e no Hospital de Cidade Ocidental vem sendo desenvolvida diariamente de maneira insatisfatória e perigosa, uma vez que os mesmos colocam em risco a própria saúde e a dos demais.

Verifica-se assim a importância de investimento nas ações da equipe, visto que ela tem demonstrado empenho em aprimorar e implementar suas ações.

Revelando ainda que os conhecimentos dos profissionais sobre este assunto são deficientes, faz-se necessário um treinamento da equipe de Enfermagem desde sua formação até a sua vida profissional, para que seu trabalho seja executado com excelência.

Conclui-se que uma educação continuada e permanente dos profissionais de enfermagem é de suma importância, e se faz necessária uma melhor qualificação destes no conhecimento sobre o que é e para que serve a NR-32, bem como o uso adequado dos Equipamentos de Proteção Individual, visto que a imperícia e a negligência afeta consideravelmente a atuação da equipe, prejudicando assim o cuidado com o cliente e o próprio profissional.

Este trabalho é de grande importância para a assistência, pois por meio deste poderemos ajudar os profissionais que atuam como gestores, coordenadores e docentes diante da equipe de Enfermagem a se preocuparem e a refletirem em como estão sendo desenvolvidas essas ações de educação permanente e continuada, com o intuito de levá-los mais conhecimentos técnicos e científicos para que possam desempenhar uma assistência qualificada. Também serve como suporte para material de estudo e para a pesquisa, além de contribuir grandemente para o desenvolvimento de novas pesquisas partindo dos dados encontrados nesta.

REFERÊNCIAS

- (1) NASCIMENTO G. M. Estudo do absenteísmo dos trabalhadores de enfermagem em uma Unidade Básica e Distrital de saúde do município de Ribeirão Preto [dissertação]. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP, Universidade de São Paulo; 2003.
- (2) SARQUIS, LMM. FELLI, VEA. Acidentes de trabalho com instrumentos perfurocortantes em trabalhadores de enfermagem. Rev esc. Enf USP [on line]. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br>, acesso em dezembro de 2010.

- (3) MIRANDA C. R. Introdução à saúde no trabalho. São Paulo (SP): Atheneu; 1998.
- (4) MENDES, R. Medicina do trabalho e doenças ocupacionais. São Paulo (SP): Sarvier; 1980. Canini SRMS, Gir E, Hayashida M, Machado AA. Acidentes perfurocortantes entre trabalhadores de enfermagem de um hospital universitário do interior paulista. Rev Latino-Am Enfermagem. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em 11 Out. 2009.
- (5) MARZIALE MHP. Segurança no trabalho de enfermagem. Rev. Latino-Am. Enfermagem [online]. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br> Acesso em 03 Out. 2009.
- (6) LAKATOS EM, MARCONI MA. Metodologia Científica. São Paulo: Atlas, 2004.
- (7) NISHIDE VM; BENATTI MCC e ALEXANDRE NMC. Ocorrência de acidente do trabalho em uma unidade de terapia intensiva. Rev. Latino-Am. Enfermagem [online]. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br> Acesso em 06 dez. 2009.
- (8) TALHAFERRO et. al. Adesão ao uso dos equipamentos de proteção individual pela enfermagem. Revista Ciências Médicas, Campinas, 17 (3-6): 157-166, maio/dez., 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br> Acesso em 29 Nov. 2009.
- (9) GALON T, ROBAZZI MLCC, Marziale MHP. Acidentes de trabalho com material biológico em hospital universitário de São Paulo. Rev. Electr. Enf. [Internet]. 2008. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v10/n3/v10n3a13.htm> Acesso em 15 Nov. 2009.
- (10) BRASIL. Ministério da Saúde. Política de educação e desenvolvimento para o SUS. Brasília: Ministério da Saúde; 2005.
- (11) VIEIRA M e PADILHA MICS. O HIV e o trabalhador de enfermagem frente ao acidente com material perfurocortante. Rev. esc. enferm. USP [online]. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br> Acesso em 29 Nov. 2009.
- (12) SOLDA SC et al. Perfurações não detectadas de luvas em procedimentos de urgência. Rev. Assoc. Med. Bras. [online]. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br> Acesso em 02 Dez. 2009.
- (13) FLORENCIO VB, RODRIGUES CA, Pereira MS, Souza ACS. Adesão às precauções padrão entre os profissionais da equipe de resgate pré-hospitalar do Corpo de Bombeiros de Goiás. Rev Eletrônica Enferm 2003. Disponível em: http://www.fen.ufg.br/revista/revista5_1/adesao.html acesso em 08 Out. 2009).
- (14) SHIMIZU HE e RIBEIRO EJG. Ocorrência de acidente de trabalho por materiais perfurocortantes e fluidos biológicos em estudantes e trabalhadores da saúde de um hospital escola de Brasília. Rev. esc. enferm. USP [online]. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br> Acesso em 07 Nov. 2009.

Sources of funding: No

Conflict of interest: No

Date of first submission: 2012-06-30

Last received: 2012-07-19

Accepted :2012-09-12

Publishing: 2012-09-24

Corresponding Address

Ezequiel Chaves Rondon

CR 45 LT 13 - Vale do Amanhecer -

Planaltina - DF